



University of  
Texas Libraries



e-revist@s



Centro Unversitário Santo Agostinho

# revistafsa

[www4.fsnet.com.br/revista](http://www4.fsnet.com.br/revista)

Rev. FSA, Teresina, v. 22, n. 1, art. 8, p. 158-171, Jan. 2025

ISSN Impresso: 1806-6356 ISSN Eletrônico: 2317-2983

<http://dx.doi.org/10.12819/2025.22.1.8>

DOAJ DIRECTORY OF  
OPEN ACCESS  
JOURNALS

WZB  
Wissenschaftszentrum Berlin  
für Sozialforschung



MIAR



## Decolonialidade do Corpo e (Re)Significação do eu na Poética de André Tecedeiro e Luis Miguel Nava: Performatividade, Metamorfose(S), Silêncio

## Body Decoloniality and the Self (Re)Signification Through the André Tecedeiro and Luis Miguel Nava's Poetics: Performativeness, Metamorphosis(Es), Silence

### Horácio dos Santos Ribeiro Pires

Doutorando em Estudos de Literatura na área de Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense  
Mestre em Cognição e Linguagem pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro  
Professor do Instituto Federal Fluminense *Campus* Bom Jesus do Itabapoana  
E-mail: [hspir@ig.com.br](mailto:hspir@ig.com.br)

### Tatiana Pequeno da Silva

Doutora em Letras Vernáculas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro  
Professora Adjunta da Universidade Federal Fluminense *Campus* Gragoatá  
E-mail: [tatianapequeno@id.uff.br](mailto:tatianapequeno@id.uff.br)

#### Endereço: Horácio dos Santos Ribeiro Pires

Instituto Federal Fluminense Av. Dario Bastos Borges,  
276, Parque do Trevo, Bom Jesus do Itabapoana, CEP:  
28360-000, Rio de Janeiro/RJ, Brasil.

#### Endereço: Tatiana Pequeno da Silva

Universidade Federal Fluminense *Campus* Gragoatá –  
Rua Professor Marcos Waldemar de Freitas Reis, São  
Domingos, CEP: 24210-201, Niterói/RJ, Brasil.

Editor-Chefe: Dr. Tonny Kerley de Alencar  
Rodrigues

Artigo recebido em 03/08/2024. Última versão  
recebida em 22/08/2024. Aprovado em 23/08/2024.

Avaliado pelo sistema Triple Review: a) Desk Review  
pelo Editor-Chefe; e b) Double Blind Review  
(avaliação cega por dois avaliadores da área).

Revisão: Gramatical, Normativa e de Formatação



## RESUMO

O objetivo do presente trabalho é discutir e problematizar as questões da decolonialidade do corpo e a (re)significação do Eu na poética de André Tecedeiro e Luis Miguel Nava, a partir de um recorte que leva em consideração a performatividade do sujeito, suas constantes metamorfoses e o papel do silêncio para quem (se) transforma em tantas coisas. Essa multiplicidade do Eu, que se constrói por metamorfoses internas e externas, revela a beleza que se encontra no avesso e que, na poesia, se manifesta através de fragmentos que se tornam mapas possíveis de autocompreensão. Para tanto, serão utilizados pressupostos teóricos que (re)pensam as concepções dos discursos pós-modernos, como gênero, sexualidade e identidade, além da noção biologizante que patologiza as identidades trans, através das contribuições de teóricos como Judith Butler, Gayatri Spivak, Stuart Hall, Meijer e Prins, Paul B. Preciado, Aníbal Quijano, dentre outros. Dessa maneira, o corpo decolonizado, atravessado pela linguagem poética e personificado nos poemas, produz sentidos em um determinado contexto, que não correspondem àqueles estabilizados, sincretizados ou petrificados pela sociedade cisnormativa. Através dessa análise, busca-se apontar para uma emancipação de corpos e subjetividades, mostrando como a poesia pode servir como um meio de resistência e reconfiguração do Eu. A obra de Tecedeiro e Nava, com sua riqueza de imagens e transformações, permite uma leitura que desafia as normatividades impostas, sugerindo novas formas de existir e de ser no mundo. Assim, o trabalho pretende contribuir para o debate sobre a decolonialidade do corpo e a importância da poesia como espaço de resistência e reconfiguração identitária.

**Palavras-chave:** Corpo. Performatividade. Metamorfose(s). Decolonialidade.

## ABSTRACT

This paper aims to discuss and problematize the issues the body decoloniality and the Self (re)signification in André Tecedeiro's and Luis Miguel Nava's poetry, from a perspective that takes into account the subject performativity, its constant metamorphoses, and the role of silence for those who transform themselves into so many things. This multiplicity of the Self, which is constructed through internal and external metamorphoses reveals the beauty that lies in the reverse and that, in poetry, manifests itself through fragments that become possible maps of self-understanding. To this end, theoretical assumptions will be used to (re)think the conceptions of postmodern discourses, such as gender, sexuality, and identity, in addition to the biologizing notion that pathologizes trans identities, through the contributions of theorists such as Judith Butler, Gayatri Spivak, Stuart Hall, Meijer and Prins, Paul B. Preciado, Aníbal Quijano, among others. In this way, the decolonized body, permeated by poetic language and personified in poems, produces meanings in a given context that do not correspond to those stabilized, syncretized or petrified by cisnormative society. Through this analysis, we seek to point to an emancipation of bodies and subjectivities, showing how poetry can serve as a means of resistance and reconfiguration of the Self. The work of Tecedeiro and Nava, with its wealth of images and transformations, allows for a reading that challenges imposed normativities, suggesting new ways of existing and being in the world. Thus, this work aims to contribute to the body decoloniality debate and the importance of poetry as a space for resistance and identity reconfiguration.

**Key-words:** Body. Performativeness. Metamorphosis(es). Decoloniality.

## 1 INTRODUÇÃO

A eclosão do pensamento chamado pós-modernidade traz em seu bojo uma pulsão para a reconfiguração das identidades, das subjetividades, do(s) corpo(s). Tal acontecimento deve-se ao fato de, por consequência da globalização, as culturas, sociedades e indivíduos serem categorizados, nos dizeres de Aníbal Quijano (2000, p. 256), como homogeneidade/continuidade e heterogeneidade/descontinuidade.

Contudo, conforme constata o mesmo autor, o próprio capitalismo mundial que estabelece tal designação segregativa, “está longe de ser uma totalidade homogênea e contínua” (QUIJANO, p. 256), muito pelo contrário, trata-se de uma estrutura de elementos heterogêneos seja através do controle de trabalho-recursos-produtos, seja pelos povos e histórias atrelados a ele. Em outras palavras, o próprio sistema que considera a heterogeneidade uma descontinuidade é heterogêneo em suas bases, permitindo, desta feita, descontinuidades no que tange às identidades, subjetividades e corpos.

Surge, assim, a ideia do projeto de descolonização (ou decolonização). Como a categorização apresentada anteriormente seja de pensamento, será considerada, aqui, a decolonização intelectual que se torna pioneira ao tratar da cultura e da sociedade (PALERMO, 2005, p. 18) e a decolonização do(s) corpo(s).

Com intuito de discutir e problematizar as questões da decolonialidade do corpo e (re)significação do Eu, apresentam-se as poéticas de André Tecedeiro em *A axila de Egon Schiele* e Luis Miguel Nava em *Poesia Completa* a partir de um recorte que leva em consideração a performatividade do sujeito, suas constantes metamorfoses e o papel do silêncio para quem (se) transforma em tantas coisas.

Trata-se de “sustentar presença no dentro”, como descreve Beatriz RGB no prefácio de *A axila de Egon Schiele*. Essa multiplicidade do Eu que vai se construindo por metamorfoses internas/externas (o dentro e o fora), a beleza de dentro que se encontra no avesso e que, na poesia, através dos fragmentos, tornam-se mapas possíveis. Conforme afirma Tecedeiro (2021, p. 31) em alguns de seus versos: “Eu começo onde me descubro”, “As palavras estão todas do lado de dentro” (TECEDEIRO, p. 80) e “No princípio foi o verbo transbordar” (TECEDEIRO, p. 91).

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

### Da razão/sujeito vs. corpo a corpo/desejo: o novo dualismo

Segundo Louro (2022, p. 69), ao longo dos tempos, os indivíduos (sujeitos) têm sido indiciados, classificados, ordenados, hierarquizados e definidos pela aparência de seus corpos por imposição de padrões e normas, valores e ideais da cultura. A autora acrescenta que as características dos corpos, como marcas pela cultura, distinguem sujeitos e se constituem em marcas de poder (LOURO, 2022, p. 70). Por essa razão, vem sendo estabelecido o binarismo masculino/feminino como uma divisão primordial, primeira, originária (essencial) e relacionada ao corpo. O debate se inicia pelas relações entre corpo e não-corpo que, na perspectiva eurocêntrica, quer pelo padrão eurocêntrico de produzir conhecimento, quer pela experiência, tem uma relação estreita com a ideia de raça e gênero (QUIJANO, 2000, p. 258).

A distinção entre “corpo” e “não-corpo” é universal à história da humanidade e comum a todas as civilizações e culturas conhecidas, conforme o autor. Até o surgimento do eurocentrismo, também é comum a todas “a permanente copresença dos elementos como duas dimensões inseparáveis do ser humano em qualquer aspecto, instância ou comportamento” (QUIJANO, p. 258). A desconstrução de tal postulado, acrescenta o autor, faz parte da história do mundo cristão embasado pela concepção da primazia da alma sobre o corpo por ser, aquela, considerada o objeto privilegiado de salvação, sendo, este (o corpo), o ressurreto, ou seja, a culminação da salvação (QUIJANO, p. 258). Ideia mantida até Descartes.

Com Descartes, o que ocorre é a mutação da abordagem anterior dualista sobre corpo/não-corpo: radical separação entre razão/sujeito e corpo onde aquela não é apenas uma secularização da ideia de alma (teologicamente), mas uma mutação em uma nova id-entidade. A razão sujeito como única entidade capaz de conhecimento racional sobre a qual, o corpo, é (e não pode ser outra coisa) que objeto de conhecimento (DESCARTES, 1967 *apud*. QUIJANO, 2000, p. 259).

Essa separação radical estabeleceu novas relações: razão/sujeito vs. corpo/natureza e espírito/natureza, fixado, o corpo – em termos de racionalidade eurocêntrica – como objeto de conhecimento “fora do entorno ‘sujeito/razão’” (QUIJANO, p. 260), *i.e.*, quanto mais próximo (o corpo) da natureza, mais se afasta do sujeito/razão.

As poéticas de André Tecedeiro (1979 até os dias atuais) e Luis Miguel Nava (1957-1995) propõem uma mudança de paradigmas, re(configuração) do Eu – identidades/subjetividades – assim como a decolonização do(s) corpo(s), propondo, como destaca Pereira (1999, p. 16), “o corpo como possibilidade de o sujeito sinalizar seu desejo.”

(...) Esclareço que tenho com meu corpo  
uma relação instrumental e diplomática,  
assente em respeito mútuo.

Não nos metemos na vida um do outro  
e tal como eu sou de mim,  
o meu corpo é soberano das coisas que ele lá sabe.

Ele é um veículo para vir ao mundo  
e em troca arranjo-lhe pão prá boca.  
num negócio limpo e justo  
onde ninguém deve meter a colher.

(...) Pareço o Golfo da Guiné lá onde se conhece a febre  
e onde nasce esta cicatriz que me separa o peito a meio,  
enquanto me une comigo mesmo. (TECEDEIRO, 2021, p. 154-155)

O fragmento sugere que as poéticas de André Tecedeiro e Luis Miguel Nava introduzem uma mudança de paradigmas ao explorar a reconfiguração do Eu – identidades e subjetividades – e a decolonização dos corpos. A citação de Pereira (1999) enfatiza essa visão ao considerar o corpo como uma manifestação do desejo do sujeito.

No trecho poético de Tecedeiro, a relação com o corpo é descrita de maneira instrumental e diplomática, baseada em respeito mútuo. Ele retrata seu corpo como uma entidade soberana, com suas próprias experiências e conhecimentos, distinta de sua mente, mas ainda parte integral de sua existência. Essa visão desassocia o corpo de ser apenas um objeto passivo e o posiciona como um agente ativo, capaz de ter sua própria autonomia e dignidade.

A metáfora do "Golfo da Guiné" sugere uma relação complexa e profunda com o próprio corpo, marcada por cicatrizes que, paradoxalmente, tanto dividem quanto unem o Eu. Essa imagem poderosa simboliza a luta e a reconciliação internas, refletindo a experiência de viver em um corpo que carrega marcas de identidade e história pessoal.

As poéticas de Tecedeiro e Nava, portanto, desafiam as normas impostas pelo sistema heterossexual compulsório ao insistirem na autonomia e na dignidade do corpo e da identidade. Elas propõem uma decolonização que permite ao sujeito expressar seu desejo e experiência de forma autêntica, rompendo com as narrativas opressivas e monolíticas da sociedade dominante. Essa abordagem transforma o corpo de uma entidade passiva em um veículo ativo de resistência e autodefinição, criando um espaço onde a subjetividade e a identidade podem ser constantemente (re)construídas e afirmadas.

Ainda, quanto à questão da relação sujeito poético/corpo (corpo/desejo), discorre Luis Miguel Nava em um de seus textos:

## NUDEZ

Onde há que tenha a pele tenho a memória, sepultura  
 nenhuma atingirá profundidade igual à desta  
 nudez com quem a pele sempre tem sido hospitaleira. (NAVA, 2002, p. 94)

Ambos os poetas sugerem o corpo como metonímia da linguagem (torna presente o objeto ausente) e, apesar da brevidade dos poemas, neles está intrínseca uma pluralidade de sentidos e leituras, sendo estas tão múltiplas como o desejo. Deste, advém o discurso da sexualidade como constituinte do discurso daquele (desejo): “Uma das vertentes do discurso do desejo constitui o discurso da sexualidade” (PEREIRA, 1999, p. 22).

Na concepção de Louro (2022, p. 71), o discurso sobre corpo/sexualidade muda na proporção em que o corpo passa a não ser mais apreendido como “um microcosmo de uma ordem maior”:

A antiga concepção, que ligava a experiência sexual humana à realidade metafísica e à ordem social, cede espaço à outra, que permitirá desvincular o corpo desse amplo contexto e, ao mesmo tempo, irá atribuir ao sexo uma centralidade nunca vista (LOURO, 2022, p. 72).

Vivencia-se, pois, uma metamorfose de paradigmas:

(...) nenhuma dessas coisas *provocou* a construção de um novo corpo sexuado. Em vez disso, a reconstrução do corpo é, ela própria, intrínseca a cada um desses desenvolvimentos. (...) novos discursos, outra retórica, uma outra *episteme* se instalam e, nessa nova formação discursiva, a sexualidade passa a ganhar centralidade na compreensão e na organização da sociedade (LAQUEUR, 1990 *apud*. LOURO, 2022, p. 72).

Tais pressupostos se coadunam ao pensamento de Judith Butler que afirma que os discursos “habitam corpos”, que “se acomodam em corpos” e “na verdade, carregam discursos como parte de seu próprio sangue” (BUTLER, In: PRINS; MEIJER, 2002, p. 163). Sendo assim, Louro (2022, p. 73) constata que antes de pretender, apenas, ler os gêneros e as sexualidades a partir de dados dos corpos, parece prudente pensar essas dimensões como inscritas, discursivamente, nos corpos e se expressando através deles; conceber as expressões de gênero e sexualidade fazendo-se e metamorfoseando-se histórica e culturalmente (*Ibid.*, p. 74). Resumidamente, tem-se: sexo > gênero > desejo = sexo-gênero-sexualidade (coerência e continuidade).

Para Louro (2022, p.75), tal sequência não é natural nem segura, nem tampouco indiscutível. “A ordem pode ser negada, desviada. A sequência desliza e escapa. Ela é desafiada e subvertida. Para suportá-la ou assegurar seu funcionamento são necessários investimentos continuados e repetidos; não se poupam esforços para defendê-la” (LOURO, p. 75):

Apesar de todo esse investimento, os corpos se alteram continuamente. Não somente sua aparência, seus sinais ou seu funcionamento se modificam ao longo do tempo; eles podem, ainda, ser negados ou reafirmados, manipulados, alterados, transformados ou subvertidos. As marcas de gênero e sexualidade, significadas e nomeadas no contexto de uma cultura, são também cambiantes e provisórias, e estão, indubitavelmente, envolvidas em relações de poder (LOURO, 2022, p. 76).

Entre as linhas de fuga, destaca-se o travestismo como manifestação da desestabilização das fronteiras delimitadas entre os gêneros, obrigando a desnaturalização e desconstrução do binarismo sexo/gênero cis heterossexual compulsório-hegemônico e pensá-lo em função de uma reconfiguração das identidades de gênero, das identidades e das práticas sexuais (BOUCIER, 2022, p. 158).

Tecedeiro (2022, p. 76) afirma:

Eu era um homem  
escondido em águas profundas  
conquistando o corpo ao mar  
como os holandeses as suas terras.

(...) Gente como eu,  
deslizando para as zonas cinza  
para escapar à ditadura dos opostos.  
Porque nunca o preto e branco captam bem  
o vago de se ser. (TECEDEIRO, p. 132)

Nestes versos, o travestismo é apresentado como uma linha de fuga que desestabiliza as fronteiras rígidas entre os gêneros, desafiando o binarismo sexo/gênero imposto pelo sistema cis-heterossexual compulsório-hegemônico. Boucier (2022) destaca que essa manifestação obriga a uma desnaturalização e desconstrução dessas fronteiras, promovendo uma reconfiguração das identidades de gênero, das identidades em geral e das práticas sexuais.

A poesia de André Tecedeiro reforça essa visão ao ilustrar a complexidade e a fluidez das identidades de gênero e sexualidade. No primeiro verso, Tecedeiro compara sua própria experiência de identidade de gênero a uma conquista gradual e profunda, semelhante à maneira como os holandeses reclamaram terras do mar. Essa metáfora poderosa sugere um processo contínuo de descoberta e afirmação, que exige tanto esforço quanto determinação.

Nos versos seguintes, Tecedeiro explora a ideia de "deslizar para as zonas cinza" para escapar da "ditadura dos opostos". Essa expressão evidencia a resistência contra a rigidez do binarismo de gênero e a valorização das áreas intermediárias e indefinidas da identidade. Ele argumenta que o preto e branco não conseguem capturar a essência da existência humana, que é caracterizada por nuances e ambiguidades.



Esses elementos poéticos sublinham a importância de reconhecer e aceitar a complexidade das identidades de gênero e sexualidade, rompendo com as normas binárias e hegemonicamente impostas. Tecedeiro, ao partilhar suas experiências pessoais, contribui para a desestabilização dessas fronteiras e encoraja uma compreensão mais ampla e inclusiva das identidades humanas.

Em conjunto, as perspectivas de Boucier e Tecedeiro promovem uma visão de mundo que reconhece a diversidade e a fluidez das identidades de gênero e sexualidade. Elas desafiam as convenções tradicionais e oferecem um caminho para a reconfiguração das identidades, permitindo uma expressão mais autêntica e livre do Eu.

De acordo com Preciado (2022, p. 26-27), é necessário “transformar o regime do desejo para descolonizar o corpo sexual”. Segundo ele, o desejo não é uma verdade dada, mas um campo social fabricado, podendo ser modificado através de recursos (ferramentas) da metáfora e da imaginação, da poesia e da experimentação somática (PRECIADO, p. 27).

Tal pressuposto se confirma antes mesmo de ser feito pela leitura do poema *O rei*, de Luis Miguel Nava:

O mar está-nos no corpo; enquanto alguém  
a quem o coração serve de rei  
dispõe no tabuleiro as outras peças

rebenta-lhe na mão; há entre as peças  
e o mar cumplicidades de que só  
quem joga estima o peso em cada lance (NAVA, 2002, p. 136)

Em síntese, o que se pretende é o que afirma Preciado (2022, p. 27): “desenhar uma porta na parede da opressão sexual e de gênero e escapar por ela.”

## 2.2 André Tecedeiro e Luis Miguel Nava: performatividade, metamorfose(s), silêncio

Desde seus primórdios, a poesia portuguesa, em seus desdobramentos, tematiza o desejo, indo, desde a lírica idealizante de Camões<sup>1</sup> até a atual contemporaneidade (dias de hoje). Segundo Pereira (1999, p. 91), há uma teatralização dos papéis (neste caso, o sujeito da enunciação travestido de feminino) o que constitui a ambiguidade da identidade sexual: “o sujeito textual se oculta sob a máscara feminina” (PEREIRA, p. 92). Tal ato seria justificado como forma de dar voz a um desejo abjeto, interdito. A concepção de teatralização dos papéis, dos corpos remete à ideia de performatividade dos corpos segundo Butler (1993):

<sup>1</sup> E.g. erotismo da *Ilha dos Amores* de *Os lusíadas*, com a descrição de “belos corpos” (Cf. PEREIRA, 1999, p. 91).



(...) os enunciados de gênero, desde aqueles pronunciados na ocasião do nascimento, como “é menino” ou “é menina”, até os insultos como “bicha” ou “sapatão”, não são enunciados constatáveis, não descrevem nada. São mais enunciados performativos (ou realizativos), isto é, invocações ou citações ritualizadas da lei heterossexual (BUTLER, 1993, apud PRECIADO, 2022, p. 97-98).

Butler (2022, p. 63) salienta que as produções, desviando-se de seus propósitos originais, mobilizam possibilidades de “sujeitos”, inadvertidamente, que não só ultrapassam as fronteiras da inteligibilidade cultural, mas também expandem os limites do que é culturalmente inteligível.

Retomando a concepção de corpo na poesia portuguesa, – do Neo-realismo até o momento – há o que Pereira (1999, p. 94) chamou de “reabilitação da subjetividade”. Dessa forma, o desejo ficou recalcado na poesia dos anos 60 que tendia à ocultação do(s) sujeito(s), à fragmentação, ao experimentalismo (PEREIRA, p. 94), tornando-se (re)significado pela poética pós-moderna, no caso em voga, Luis Miguel Nava e André Tecedeiro, dentre muitos outros. O primeiro, tratando da temática homoerótica e, o segundo, de um erotismo trans e a transição até tal expressão:

#### *ARS EROTICA*

Eu amo assim: com as mãos, os intestinos. Onde ver deita folhas. (NAVA, 2002, p. 43).

#### *RAPAZ*

Não sei como é possível falar desse  
rapaz pelo interior  
de cuja pele o sol surge antes de o fazer no céu. (NAVA, p. 86).

#### *NA PELE*

O mar, venho ver-lhe a pele a rebentar  
ao longo das falésias, o que sempre  
me traz a exaltação desses rapazes que circulam  
por Lisboa no verão.  
O mar está-lhes na pele. Partilho  
com eles os quartos das pensões, sentindo as ondas  
a avançar entre os lençóis. Perco-me à vista  
da pedra onde o mar vem largar a pele (NAVA, p. 95).

Porque sabia que te iria amar,  
Descalcei-me.

E tirei o casaco  
e o vestido  
e tudo o mais  
despi  
tudo o que não fosse pele  
e mesmo a pele  
Comecei pelas pontas dos dedos, puxando pelas  
unhas devagar.

Da cintura para baixo, como collants finíssimas  
Despi a pele.

Da cintura para cima, braços ao alto  
despi  
a pele (TECEDEIRO, 2022, p. 32)

(...) Uma casa não pode ser só bela,  
tem que ter qualquer coisa de triste,  
qualquer coisa que chora,  
qualquer coisa que sente saudade  
Teria escrito Vinícius de Moraes  
Se fosse um poeta tão pobre quanto eu (TECEDEIRO, p. 135)

Lavo as minhas mãos no fogo (TECEDEIRO, p. 143)

Seguia pela vida no banco de trás.  
Um calor mole, uma dormência.  
Nem via que o meu rosto e as imagens de fora  
se confundiam na frieza do vidro.  
Agora véu pelo meu pé,  
o meu peito entregue às estrelas (TECEDEIRO, p. 148)

Tanto André Tecedeiro como Luis Miguel Nava, através de suas poéticas, tornam os fragmentos mapas possíveis (com suas linhas de fuga e proximidade). Percebe-se uma imprecisão, inefabilidade em ambos os poetas que nunca entregam o *topos* do(s) poema(s). Poesia límpida, pouca variedade de temas.

Poesia do pouco: em Nava (2002), o mar, rebentação, relâmpagos, trovoadas, ondas, nudez, paisagem, leite: “ainda é o mar em tudo o que se vê/florir onde ele chegar (NAVA, 2002, p. 88); (...) e a rebentação da luz é/ idêntica à das ondas... (NAVA, p. 49); (...) ainda nele os últimos relâmpagos, o poema... (NAVA, p. 45); (...) Do poema veem-se as trovoadas/imóveis... (NAVA, p. 47); (...) e a rebentação da luz é/ idêntica à das ondas, as imagens esticadas sob a pele/ irrompem pelas mãos... (NAVA, p. 49); (...) Um nó de leite a nudez cresce pela água. (NAVA, p. 40); (...) É onde o poema interioriza/ a sua própria hipérbole, a paisagem... (NAVA, p. 46).

Em Tecedeiro, dentro/fora, fumo, frio, nudez, o real, o eu, precariedade, finitude, solidão, paratopias, o corpo, paisagem: (...) Sou o fantasma do tempo de fora/um fantasma que vive para dentro. (TECEDEIRO, 2022, p. 24); Era eu debruçada da janela/Fumo, frio e lua... (TECEDEIRO, p. 27); (...) E a roupa cai-lhes mal/como o real e o resto. (TECEDEIRO, p. 30); (...) despi/tudo o que não fosse pele/e mesmo a pele... (TECEDEIRO, p. 32); (...) Dei a única moeda que tinha/a uma miúda de mão estendida... (TECEDEIRO, 41); (...) E eu digo-te que nada fica/ – nem a eternidade... (TECEDEIRO, p. 13); (não há solidão sem o outro) (*Ibid.*, p. 21); (...) A infância é uma raiz pré-histórica./Fosse inventada a escrita na primeira infância/e haveria palavras que exprimissem a densa escuridão... (TECEDEIRO, p. 62); Só por pouco tempo uma criança tem querer/depois/o próprio corpo a derrota. (TECEDEIRO, p.

63); (...) branco memória/cinza alpino/fumo e neblina/granizo, toupeira, elefante/fóssil, asfalto, antracite,/chumbo, sépia, nanquim/níquel, crómio, inox,/eigengrau... (TECEDEIRO, p. 131).

O intercâmbio entre interior/exterior, nos dizeres de Collot (2018, p. 38), acontece através da “mediação do corpo que sente, que permite o acesso ao universo do sentido”. Segundo o estudioso, graças a este corpo, “o mundo” tal qual “estado de coisas encontra-se imerso no ‘estado de sujeito’”, *i.e.*, “reintegrado no espaço interior uniforme do sujeito.” (COLLOT, p. 38). Essa troca permanece desse jeito: “ao longo da ontogenia”, ainda que se suponha “a separação, graças à emergência de uma ‘área transnacional’”, pela qual “o sujeito aprende, ao mesmo tempo, a perder e a se apropriar do que não é ele” (COLLOT, 2018, p. 39-40).

Poesia do muito: metáforas diversas, palavras trocadas por metáforas originais, inusitadas. Poesia que se debruça sobre si, abrindo janelas para o mundo, portas e espelhos, trazendo o mundo a si, para logo se reconstruir com partes desse mundo. Forma pessoal e peculiar de ser/fazer poesia. Análogo ao conceito de Conceição Evaristo a respeito de “escrevivência” (grifo do autor), tem-se em Nava e Tecedeiro uma noção do que pode ser chamado de “escreessência” (grifo do autor) que consiste em representar/decalcar a essência no ato da escrita.

A fronteira do corpo, assim como o dualismo interno/externo, nos dizeres de Butler (2022, p. 230), é estabelecida “mediante a ejeção e a transvalorização de algo que era originalmente parte da identidade em uma alteridade conspurcada. Em Luis Miguel Nava, o desejo homoerótico; em André Tecedeiro, a (re)significação/(re)construção do corpo, da identidade e aceitação do abjeto: o corpo transgenitalizado, (re)designado.

Trata-se de poéticas de denúncia, da assunção de vozes subalternas e/ou subalternizadas pelo sistema heterossexual compulsório, conforme assevera Spivak (2010, p. 13) a respeito de “um sujeito subalterno que não pode ocupar uma categoria monolítica e indiferenciada, pois esse sujeito é irreduzivelmente heterogêneo.” E continua: “nenhum ato de resistência pode ocorrer em nome do subalterno sem que esse ato esteja imbricado no discurso hegemônico” (SPIVAK, p. 14). Esta afirmação se refere às poéticas de denúncia que emergem da assunção de vozes subalternas ou subalternizadas pelo sistema heterossexual compulsório. A referência a Spivak (2010) enfatiza a complexidade e a heterogeneidade do sujeito subalterno, destacando que esse sujeito não pode ser visto como uma categoria única e indiferenciada. Segundo Spivak, qualquer ato de resistência em nome do subalterno é inevitavelmente entrelaçado com o discurso hegemônico.

Tal perspectiva é crucial para entender as poéticas em questão, pois revela como as vozes subalternas navegam e se posicionam dentro de um sistema que constantemente tenta silenciá-las e marginalizá-las. A denúncia poética não apenas expõe as injustiças e opressões impostas pelo sistema dominante, mas também desafia e ressignifica os próprios termos do discurso hegemônico. Ao reivindicar espaço e expressão, essas poéticas de denúncia rompem com a homogeneidade imposta e revelam a diversidade e a riqueza das experiências e identidades subalternas. Assim, as obras de poetas como Tecedeiro e Nava não apenas resistem, mas também transformam o tecido cultural e social ao dar voz a essas experiências múltiplas e complexas.

O corpo decolonizado tem livre arbítrio e não só performa conforme teorizado por Butler (2022), mas metamorfoseia ao mesmo tempo que é metamorfoseado de acordo com o desejo. Tal conclusão é expressa por Tecedeiro (2021): “Eu era um homem/ escondido em águas profundas/ conquistando o corpo ao mar/ como os holandeses as suas terras” (TECEDEIRO, 2021, p. 76).

O trecho propõe uma visão do corpo decolonizado como uma entidade com livre arbítrio, que vai além das performatividades discutidas por Judith Butler (2022). Ao invés de apenas performar, o corpo decolonizado se metamorfoseia conforme os desejos e necessidades de seu portador. Essa ideia é reforçada pela poesia de André Tecedeiro, que em seus versos expressam a conquista e a transformação do próprio corpo. A metáfora usada por Tecedeiro – “Eu era um homem/ escondido em águas profundas/ conquistando o corpo ao mar/ como os holandeses as suas terras” – evoca a imagem de um processo contínuo de autodescoberta e reconstrução, similar à maneira como os holandeses reclamaram terras do mar. Essa metáfora potente destaca a luta e a agência envolvidas na construção de uma identidade autêntica e autodeterminada, sublinhando a ideia de que o corpo decolonizado não é um recipiente passivo, mas um agente ativo de mudança e realização pessoal.

### 3 CONCLUSÃO

A presente análise teve como proposta estabelecer um diálogo entre dois poetas que vivenciaram contextos distintos da Literatura Portuguesa: Luis Miguel Nava, nascido em 1957 e falecido em 1995, cuja obra está marcada pela poesia experimental e pela temática homoerótica das décadas de 1980 e 1990; e André Tecedeiro, nascido em 1979, que iniciou sua trajetória literária em 2014, num cenário de múltiplas transformações no que tange às identidades e subjetividades.

No horizonte da criação literária, inúmeros fatores interferem no trabalho do autor, incluindo o contexto e as circunstâncias em que se insere. No caso de Nava, observa-se um discurso homoerótico, enquanto Tecedeiro, como homem trans, aborda questões de (re)significação e (re)construção do Eu, além da decolonização do(s) corpo(s). Conforme Pereira (1999, p. 139) afirma, “aquele que escreve inscreve naquilo que escreve sua sexualidade”.

Embora oriundos de contextos temporais distintos, ambos os poetas se tornam contemporâneos por meio de sua poesia. Ambos portugueses – o que denota uma hegemonia cultural – se posicionam à margem da sociedade dominante: Nava como homossexual e Tecedeiro como homem trans. Suas obras denunciam as normas impositivas de uma sociedade heterossexual compulsória e hegemônica, ao mesmo tempo em que exploram as múltiplas metamorfoses do(s) corpo(s) e da(s) identidade(s), sempre em constante devir e transformação.

Esta proposta é parte de uma pesquisa de doutorado em Estudos de Literatura, na área de Literatura Comparada, em desenvolvimento na Universidade Federal Fluminense (UFF, Campus Gragoatá). Ainda em fase inicial, o estudo prevê a análise de outros textos que comporão o corpus de análise e se beneficiará da recepção dos leitores para contribuir de forma positiva com os debates propostos. O objetivo é revisitar o cânone literário, revirando-o para incluir vozes silenciadas de corpos abjetos e interditos, que clamam incessantemente por seus lugares de fala, representatividade, empoderamento, aceitação e respeito. Esses poetas não têm vergonha de serem quem são e de representarem o que representam, recusando os grilhões de um sistema opressor e reprodutor de estereótipos e preconceitos múltiplos.

Dessa forma, a pesquisa busca iluminar as formas de resistência e afirmação identitária presentes na obra desses poetas, oferecendo uma contribuição significativa para os estudos literários e para a compreensão das dinâmicas de exclusão e inclusão na literatura contemporânea.

## REFERÊNCIAS

BOUCIER, S. **Queer Zones** (vol. 1). Trad. Henrique Provinzano Amaral, Thiago Mattos. São Paulo: Crocodilo.

BUTLER, J. P. *Bodies that Matter: The Discursive Limits of Sex*. New York: Routledge, 1993. [Ed. bras.: **Corpos que importam: Os limites discursivos do sexo**. São Paulo: n-I edições/Crocodilo, 2019.]

BUTLER, J. P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade.** [Trad.] Renato Aguiar. 22ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2022.

COLLOT, M. **A matéria-emoção.** Trad. Patrícia Souza Silva. 1 ed. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2018.

DESCARTES, R. **Discours de la méthode.** Paris: Léopold Cerf, Imprimeur-Éditeur, 1902.

LAQUEUR, T. **Making sex.** Body and gender from geeks to Freud. Cambridge e Londres: Harvard University Press, 1990.

LOURO, G. L. **Um corpo estranho.** 3. ed. rev. amp.; 4. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

NAVA, L. M. **Poesia completa – 1979-1994.** 1ª ed. Lisboa, PT: Publicações Dom Quixote, 2002.

PEREIRA E. **Portugal: poetas do fim do milênio.** 1ª ed. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1999.

PRECIADO, P. B. **Manifesto contrassexual: Práticas subversivas de identidade sexual.** [Trad.] Maria Paula Gurgel Ribeiro. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

PRINS, B; MEIJER, I. Como os corpos se tornam matéria: entrevista com Judith Butler. Trad. Susana Bornéo Funck. **Revista Estudos Feministas**, v.10, n. 1, 2002. p.155-167.

SPIVAK, G. C. **Pode o subalterno falar?** Trad. Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

TECEDEIRO, A. **A axila de Egon Schiele: Poesia reunida 2014-2020.** Juiz de Fora, MG: Edições Macondo, 2021.

**Como Referenciar este Artigo, conforme ABNT:**

H. S. R. PIRES, T. P. SILVA, Decolonialidade do Corpo e (Re)Significação do eu na Poética de André Tecedeiro e Luis Miguel Nava: Performatividade, Metamorfose(S), Silêncio. **Rev. FSA**, Teresina, v. 22, n. 1, art. 8, p. 158-171, Jan. 2025.

Contribuição dos Autores	H. S. R. Pires	T. P. Silva
1) concepção e planejamento.	X	X
2) análise e interpretação dos dados.	X	
3) elaboração do rascunho ou na revisão crítica do conteúdo.	X	X
4) participação na aprovação da versão final do manuscrito.	X	X